

A Pedagogia da Autonomia e a Folkcomunicação: prática dialógica contra a desinformação na pandemia de COVID-19

Pedagogy of Autonomy and Folkcommunication: dialogic practice against disinformation in the COVID-19 pandemic

La Pedagogía de la Autonomía y Folkcomunicación: práctica dialógica contra la desinformación en la pandemia del COVID-19

**Razón
y Palabra**

e-ISSN: 1605-4806

VOL 25 N° 114 mayo - agosto 2022 Monográfico pp. 49 - 64

Recibido 01-07-2022 Aprobado 30-08-2022

Cristina Schmidt Portéro

Brasil

FABE

cris_schmidt@uol.com.br

Resumo

No contexto da pandemia da Covid-19 os movimentos sociais agiram para amparar pessoas vulneráveis, para combater o descaso e a desestruturação de direitos, além de criar mecanismos de comunicação próprios para esclarecer a sociedade. Processos folkcomunicaçãois acionados para potencializar a informação nos meios populares, mediando às polarizações. Fazendo uso da teoria da Folkcomunicação, que abrange o estudo dos processos comunicacionais próprios aos povos marginalizados, e da Pedagogia do Oprimido, tivemos como objetivo buscar aproximações teóricas e práticas/práxis entre os dois autores para ler as expressões populares dentro de uma ação enraizada na vida desses grupos. Fizemos levantamento bibliográfico e documental e exemplificamos com grafites e cordéis as mensagens veiculadas acerca do

contexto pandêmico. Ficou evidenciado que os ativistas midiáticos têm papel preponderante no processo de interlocução com seus grupos e com a sociedade de modo a produzirem informação crítica, comprometida com a ciência e combatendo a desinformação.

Palavras-chave: Pedagogia da Autonomia; Folkcomunicação; prática dialógica; resistência cultural; cidadania.

Abstract

In the context of the Covid-19 pandemic, social movements acted to support vulnerable people, to combat neglect and the disruption of rights, in addition to creating their own communication mechanisms to clarify society. Folkcommunicational processes triggered to enhance information in popular media, mediating polarizations. Making use of Folkcommunication theory, which encompasses the study of communicational processes typical of marginalized peoples, and Pedagogy of the Oppressed, we aimed to seek theoretical and practical/praxis approximations between the two authors to read popular expressions within an action rooted in the life of these groups. We did a bibliographic and documentary survey and exemplified with graffiti and strings the messages conveyed about the pandemic context. It was evident that media activists have a leading role in the process of dialogue with their groups and with society in order to produce critical information, committed to science and fighting misinformation.

Keywords: Pedagogy of Autonomy; Folkcommunication; dialogic practice; cultural resistance; citizenship.

Resumen

En el contexto de la pandemia del Covid-19, los movimientos sociales actuaron para apoyar a las personas vulnerables, para combatir el abandono y la afectación de derechos, además de crear sus propios mecanismos de comunicación para esclarecer a la sociedad. Procesos comunicacionales populares desencadenados para potenciar la información en los medios populares, mediando polarizaciones. Haciendo uso de la teoría de la Comunicación Popular, que engloba el estudio de los procesos comunicacionales propios de los pueblos marginados, y de la Pedagogía del Oprimido, nos propusimos buscar aproximaciones teóricas y prácticas/praxis entre los dos autores para leer expresiones populares dentro de una acción enraizada en la vida de estos grupos. Hicimos un levantamiento bibliográfico y documental y ejemplificamos con grafitis y strings los mensajes transmitidos sobre el contexto de la pandemia. Se evidenció que los activistas de los medios tienen un papel protagónico en el proceso

de diálogo con sus grupos y con la sociedad para producir información crítica, comprometida con la ciencia y combatiendo la desinformación.

Palabras clave: Pedagogía de la Autonomía; comunicación popular; práctica dialógica; resistencia cultural; ciudadanía.

Introdução

Os dois anos com a Pandemia do Coronavírus trouxeram sombras sociais para a visibilidade de modo devastador. Muitos preconceitos se acentuaram, diferenças étnicas se evidenciaram, polaridades extremadas em termos religiosos e políticos. Uma onda conservadora tomou conta de mercados econômicos, parlamentos e a alta cúpula de muitos governos em todo o mundo. Esses fatores contribuíram para a repercussão de discursos dúbios e ações polarizadas que geram violência, descrédito na ciência, agressões às artes, cultura e educação; ou seja, um processo de desmonte generalizado de organizações democráticas. Sombras que turvaram a possibilidade de ler a realidade em sua diversidade e potencialidade, sombras da distorção e negação de tudo que leve a uma formação consciente da realidade.

Em contrapartida, nesse mesmo cenário, em todo o planeta repercutiram muitos movimentos de luta e resistência para manter direitos, desmentir discursos, construir processos potencializadores de informação e de formação social. O meio acadêmico-científico se mobilizou para atender a emergência da Pandemia para controlar e exterminar o Coronavírus; e, também, para disseminar informação de qualidade e se contrapor a toda violência social propagada. Os movimentos sociais agiram para amparar pessoas vulneráveis, para combater o descaso e a desestruturação de direitos, além de criar mecanismos de comunicação próprios para esclarecer a sociedade. São processos folkcomunicacionais acionados para potencializar a informação nos meios populares, mediando às polarizações.

Por ocasião da pandemia, inclusive, no ano de 2021, o livro “Comunicação e Folclore” de Luiz Beltrão fez 50 anos de sua primeira edição. E, ainda nesse mesmo ano, de modo muito emblemático, foi amplamente comemorado o centenário do nascimento de Paulo Freire. É por isso que fundamentamos este artigo fazendo uso da teoria da Folkcomunicação, que abrange o estudo dos processos comunicacionais próprios aos povos marginalizados, e da Pedagogia da Autonomia, que propõe uma pedagogia enraizada na vida desses grupos –proletários e subalternos – a partir delas e com elas.

Na primeira um reconhecimento dos mecanismos folkcomunicacionais – meios e mensagens – desenvolvidos em uma relação interpessoal entre emissor-receptor desses grupos para sua própria comunicação. Na segunda, uma pedagogia em um contínuo retomar reflexivo de seus próprios caminhos de libertação. Isso leva ao sentido exato da folkcomunicação que é conhecer-se, expressar-se, comunicar a partir da e para a própria cultura.

Nessa linha, tivemos como objetivo buscar aproximações teóricas e práticas/práxis que os dois autores instigam em nossas pesquisas e ações sociais, mostrando o processo dialógico que evidencia o prazer e a paixão em conhecer e transformar o mundo, buscar a liberdade, a autonomia. E, exemplificar com as expressões dos grupos populares – as folkcomunicações – como os subalternizados nesse período pandêmico levou informação, organizou diferentes grupos sociais, lutou pelas vidas, e posicionou-se frente ao cenário negacionista e desestruturador.

Para isso, recorreremos a um levantamento bibliográfico das obras desses autores, de modo mais específico nos livros Comunicação e Folclore de Beltrão, e dos livros Pedagogia do Oprimido e Comunicação e Extensão de Paulo Freire; em seguida, ampliando para outras publicações relevantes desses mesmos professores, e buscando apoio em artigos de pesquisadores da Folkcomunicação que já trouxeram aproximações metodológicas entre ambos, como Holfeldt, Schmidt, Trigueiro. Também fizemos um levantamento documental em diferentes sites com a finalidade de trazer expressões populares com informações acerca do contexto pandêmico. Trata-se de uma análise dos processos folkcomunicacionais por meio da aproximação teórica beltraniana e freiriana.

Luiz Beltrão em seus estudos iniciais sobre a folkcomunicação, a partir de 1967, vai acompanhar muitas expressões populares dos grupos rurais e urbanos para compreender o modo como se comunicam, como transmitem seus saberes e fazeres. Mais precisamente, estuda as manifestações culturais de grupos que estão à margem dos centros de poder e decisão, o que ele chama de marginalizados. Ele vai se preocupar principalmente com os processos que esses grupos criam e estabelecem para se comunicar, para transmitir seus valores, suas referências, seu conhecimento e seu sentimento. Ao estudar esses processos percebeu que os grupos marginalizados reelaboram a sociedade e suas relações apresentando a visão própria de suagente, de sua realidade. Muitas vezes suas expressões são questionadoras da visão dominante e institucionalizada (Schmidt, 2006).

Freire adverte-nos para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização. Para tal o saber-fazer da autorreflexão crítica e o saber ser da sabedoria exercitada, permanentemente, são fundamentais para uma leitura crítica das causas efetivas da degradação humana e para uma interpretação fundamentada de todos os interesses e propósitos da globalização. “Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e sua recusa inflexível ao sonho e à utopia”, declara Freire (2001, p.15).

Schmidt (2006) ressalta que é justamente por essa preocupação crítica e libertadora que a pesquisa das expressões folkcomunicacionais se faz tão importante, pois os meios específicos utilizados nesses processos articulam elementos tradicionais e modernos, rurais e urbanos, popular e massivo. Além do que, a investigação dessas manifestações culturais vai além de uma relação unilateral investigador-objeto, ela abrange uma relação com a complexidade de um grupo singular, e daí contextualiza, reflete e dialoga com um mundo subalternizado no mundo globalizado.

Apontamentos teóricos

Beltrão coloca que nossa atenção ao estudarmos os grupos marginalizados e seus processos de comunicação, diferente do foco utilizado para os meios massivos, está voltada para a percepção do mundo ao qual eles se vinculam e apresentam; ou seja, os estudos devem compreender os processos vinculados a um mundo. Esse mundo que estabelece relação estreita entre cultura subalterna e comunicação popular formando um tipo cismático de transmissão de notícias e expressão do pensamento e das vinculações coletivas, e é aí que se localiza o campo de pesquisa dessa disciplina pois “folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (Beltrão, 2001, p.79).

Conforme o pedagogo, uma prática da liberdade nesse contexto só é possível com uma pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, “descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica”. E o significado correto dessa “pedagogia” – “desse alfabetizar-se – é o aprender a escrever/ler a própria vida, como autor e testemunha de sua história, ou seja, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se (exorcizar-se das sobras da opressão)” (Freire, 1982a, p.31). Paulo Freire (1982a) ainda enfatiza a importância das relações e formações culturais, ressaltando a cultura como um prolongamento da história aonde os sujeitos, alinhados com seus modos de vida, constituem suas histórias.

Os processos folkcomunicacionais, por sua vez, vê que nas expressões dos grupos marginalizados as narrativas culturais que podem ser entendidas como processo de transmissão de conhecimento pois, segundo Hohlfeldt (2001, p.29):

A folkcomunicação não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A Folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos.

Esse conceito “A intersubjetividade ou a intercomunicação é a característica primordial deste mundo cultural e histórico. Pela intersubjetividade se estabelece a comunicação entre os sujeitos a propósito do objeto – por meio dessa relação se tem o conhecimento” (1982b, p.65).

E para Beltrão, esse processo tem agente de folk ou no líder de opinião o protagonista na relação de intercomunicação, pois ele recodifica a mensagem midiática e reinterpreta a informação de acordo com os valores da comunidade em que está inserido. O papel do líder de opinião ou comunicador folk é muito importante no processo de decodificação e transmissão das mensagens. Ao nosso entender, ele exerce um papel pedagógico em seu grupo, apreendendo e distribuindo conteúdos próprios aos inte-

resses do grupo, ou seja, figura que exerce influência, provoca uma relação dialógica intergrupo e extra grupo.

Lembrando que enquanto os discursos da comunicação de massa são dirigidos ao mundo, o da folkcomunicação é destinado a um mundo em que palavras, signos gráficos, gestos e atitudes, linhas e formas mantêm uma relação interpessoal e intersubjetiva (Beltrão, 1971, p.40).

Aproximações teóricas e práticas libertadoras

Voltando os olhares para as práticas folkcomunicacionais a partir dos conceitos apresentados acima, exemplificamos a seguir com algumas expressões folkcomunicacionais dos grupos urbanos marginalizados². Importante destacar que essas expressões ocorrem a partir do líder de folk em práticas ativistas no contexto da Pandemia do Coronavírus a fim de trazer

² Grupos urbanos marginalizados são, conforme Luiz Beltrão (1980), são caracterizados por uma população de baixa renda, com vínculos empregatícios frágeis ou em funções subalternas, além de morarem em bairros periféricos como favelas ou comunidades proletárias em morros, e ocupações subnormais. Têm dificuldades em obter uma escolaridade elevada ou de qualidade. E, têm limitado acesso aos meios de comunicação de massa enquanto produtores de conteúdo. Esses grupos, portanto, são compostos por pessoas subalternizadas pela sociedade, pelos grupos hegemônicos. Mas, possuem ligações que estimulam uma sociabilidade diferenciada na formação de uma identidade coletiva e, para manifestarem sua opinião, expressarem suas ideias constituem processos e meios próprios de comunicação.

informações ao seu receptor, de modo a fortalecer posicionamentos frente à onda conservadora negacionista predominante no período. Essas peças foram extraídas de sites, conforme citado; e, apesar de representar singularidades culturais, apresentam mensagens e estética para um entendimento global.

A respeito dessa atuação de lideranças de folkcomunicação, Osvaldo Meira Trigueiro (2008) traz uma concepção sobre o “ativismo midiático”. Ele discorre sobre as várias formas de mediações nos processos de comunicação, e aponta como problema as tensões que ocorrem em muitas negociações entre as culturas locais e as novas demandas da sociedade da informação.

Imagem 01: Artista homenageia profissionais de saúde na cidade de Santos –SP.



Fonte: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/grafite-homenageia-profissionais-de-saude-e-inicio-da-vacinacao-em-santos>

Imagem 02: Artista homenageia profissionais de saúde na cidade de Santos –SP.



Fonte: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/grafite-homenageia-profissionais-de-saude-e-inicio-da-vacinacao-em-santos>

Citando Beltrão, Trigueiro aponta o agente comunicador do sistema de folkcomunicação – comunicador de folk - como “mediadores ativistas nas negociações da audiência das mensagens midiáticas que circulam nos vários estágios de difusão nos grupos sociais de referência do local interligados pelos sistemas interpessoais de comunicação” (2008, p.129).

Inseridos no contexto globalizado, as práticas populares de comunicação e audiências específicas se ampliam e convergem com novas linguagens e formatos podendo contribuir com uma comunicação formadora dos grupos marginalizados. Os ativistas midiáticos articulam em diferentes esferas de comunicação, aproximando e negociando, atuando como “interlocutor em diferentes contextos culturais”. Eles têm papel preponderante em contextos de pressão que exigem uma atuação mais intensa de provocação coletiva.

É justamente neste momento de extrema pressão representada pelos efeitos da pandemia sobre todos os aspectos da vida humana, incluindo o isolamento social, a adoção de medidas sanitárias e de cuidados pessoais, as escolas, universidades e salas de aula fechadas, as mudanças nas relações econômicas sociais, as disputas sobre as narrativas científicas e o espectro de um “novo normal”, entre tantos outros, que o grafite surge com seu poder comunicativo e como um canal de expressão legitimamente popular. (Sabbatini, 2021, p.3)

Sabbatini (2021) coloca que o grafite, tal qual as pichações, são uma formas de manifestação pintada em muros e paredes do espaço urbano. É uma expressão que traz a voz dos grupos marginalizados, um grito impactante para provocação e afirmação de ideias e visões de mundo a partir do grupo do qual emergem. O autor coloca ainda que tão manifestação não faz um diálogo, propriamente, mas traz demandas que vão sendo construídas em função das demandas sociais. E, ainda, na medida que novas tensões surgem, essas obras vão sendo modificadas, substituídas, atualizadas de modo a atingir diferentes receptores no espaço urbano. No campo da folkcomunicação o grafite pode ser considerado um processo folkcomunicacional opinativo dos grupos marginalizados urbanos, onde a atuação do ativista midiático é preponderante, o emissor na figura do grafiteiro. Num cenário composto por prédios, veículos, pessoas e tudo que compõe a cidade, toma a parede como canal, e a pintura compõe a mensagem com os códigos visuais expressos em letras, cores, formas. E, essa comunicação volta-se para o mundo atingindo diferentes públicos. (SABBATINI, 2021, p.5)

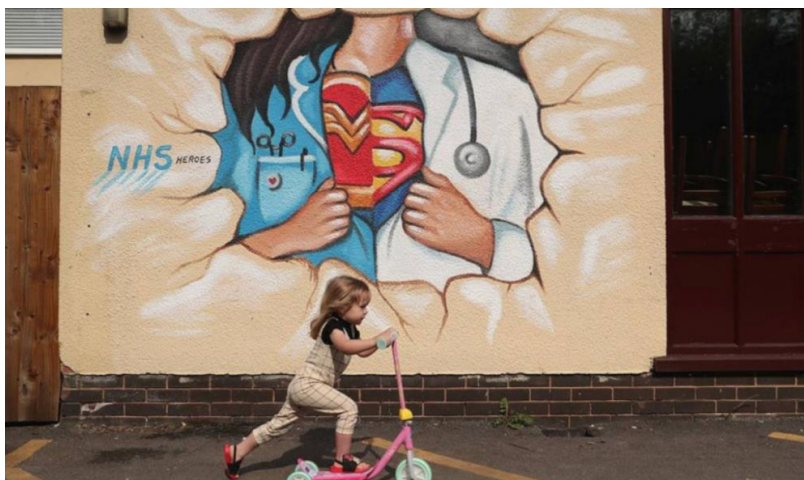
Por isso mesmo, vemos diferentes artistas do mundo todo que trabalham com grafite, se aproximarem e integrarem um discurso universal, nesse caso, em defesa da saúde e valorizando a ciência e o profissional de saúde, conforme as imagens 01 e 02, e as imagens 03 e 04 a seguir que são da Alemanha e Reino Unido respectivamente.

Imagem 03: Um menino observa uma pintura mural, do artista Kai 'Uzey' Wohlgemuth, em Hamm, no oeste da Alemanha



Fonte: Ina Fassbender / AFP <https://oglobo.globo.com/boa-viagem/pandemia-do-novo-coronavirus-inspira-street-art-ao-re-dor-do-mundo-veja-as-fotos-24384507>

Imagem 04: Médicos e enfermeiros são retratados como super heróis, em Pontefract, no Reino Unido



Fonte: Lee Smith / Reuters <https://oglobo.globo.com/boa-viagem/pandemia-do-novo-coronavirus-inspira-street-art-ao-re-dor-do-mundo-veja-as-fotos-24384507>

Para Trigueiro (2008), o ativista midiático é o personagem central para facilitar o diálogo no processo de democratização da comunicação, e da formação crítica de seus receptores, em suas palavras:

O ativista midiático não elimina os novos conflitos, as lutas pelas novas formas de poder. O seu papel é minimizar as divergências através dos diálogos, gerar situações que possam viabilizar na estrutura social do seu grupo, as interligações cirúrgicas dos vasos comunicantes, restabelecendo, na medida do possível, a compreensão e a solidariedade. (Trigueiro, 2008, p.136)

É nesse mesmo sentido que Paulo Freire afirma que a comunicação não existe por si só, e nem um único sujeito pode pensar e se expressar sozinho. A comunicação que leva para uma reflexão da realidade implica em reciprocidade e, assim como Trigueiro, Freire avalia que essa atuação de comunicação libertadora precisa ser enunciada de um sujeito para o outro, implicando em reciprocidade, com sujeitos ativos em compromisso com o seu coletivo, onde todos são coparticipantes em uma relação dialógica comunicativa.

Assim, as imagens a seguir se apresentam como uma convocatória ao receptor. Com uma linguagem mais impactante, leva o público para uma reflexão ampliada em termos políticos e confronta a questão da ciência como resposta à problemática do momento. Coloca claramente os dois lados que se contrapõem: a ciência, o conhecimento e a vida em contraposição ao negacionismo, a ignorância conservadora, e o genocídio.

Imagem 05: Representação das oposições ideológicas



Fonte: https://www.ncst.org.br/subpage.php?id=23870_20-11-2020_brasil-quase-dobra-m-dia-de-mortes-por-covid-em-uma-semana-veja-situa-o

Imagem 06: Grafite representando os avanços da ciência quanto ao desenvolvimento de testes e vacina pela Universidade de Oxford



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56885836>

Imagem 07: O vírus está confrontando agressivamente um profissional de saúde.



Fonte: Obra de Vadim Braidov. Russia <https://www.cntraveler.com/gallery/coronavirus-street-art>

Para Freire, “o que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é dialógico, assim como o diálogo é comunicativo” (1982b, p.65). Esta construção dialógica permite conhecimento cultural e histórico dos envolvidos; e, em consequência, leva a uma resistência cultural, a um ato político que decorre diretamente da consciência de si e do grupo, da leitura do mundo e da própria vida como testemunhas, atores e ativistas de sua própria história.

Essa resistência que se instaura a partir da consciência que se adquire por meio da leitura do mundo é possível verificar em outro tipo de folkcomunicação, o cordel. A

literatura de cordel é expressão de comunicação e informação popular. Luiz Beltrão (2001) explica que literatura de cordel é um gênero textual que emerge da criação popular, e pode ser compreendido como texto jornalístico, uma vez que traz em suas métricas o caráter informativo. Socialmente cumpre o mesmo papel que o discurso jornalístico de inteirar o público leitor sobre os fatos momentâneos ou históricos; além disso, adquire também o caráter opinativo, na medida em que o poeta apresenta as temáticas a luz de suas ideias. Para Marques de Melo (2008) a literatura de cordel pode ser considerada como jornalismo; este que, segundo ele, é informativo e opinativo, cujas funções essenciais são informar, opinar, interpretar por meio de gêneros textuais tais como editorial, resenha, crítica, coluna, crônica, caricatura e carta. (Mergulhão; Schmidt; Jaconi, 2021)

Nos cordéis pudemos encontrar forte contribuição de poetas ativistas que fazem reflexões do contexto mundial e local sobre o Coronavírus e, mais ainda, sobre as implicações políticas nacionais e internacionais dessa polarização de ideias que levam à desestruturação social pela desinformação, pela morte e miséria. Abaixo, estão exemplos de Literatura de Cordel voltados à informação e diálogo com grupos regionais específicos nos quais os poetas estão inseridos. E se tornam universais, quando são amplamente divulgados pelas mídias digitais.

Imagem 08: Cordel temático sobre o Coronavírus

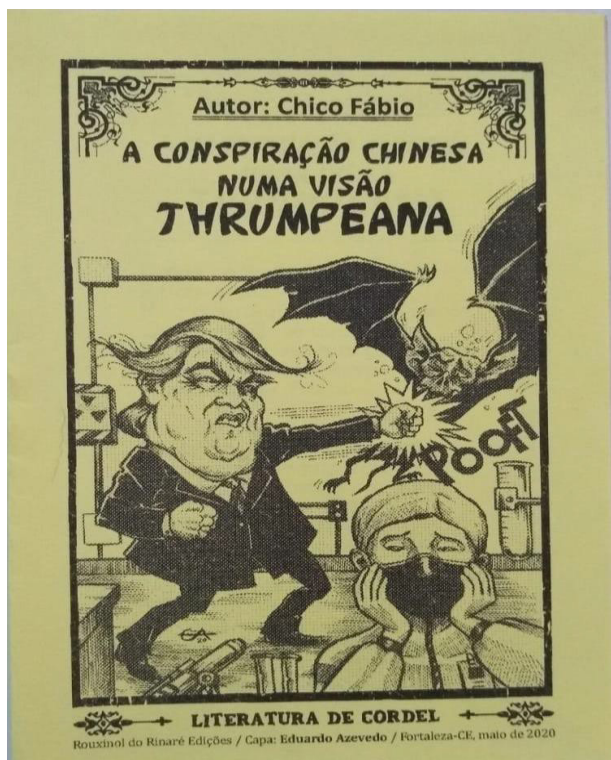


Fonte: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/07/17/cordel-da-covid-19-entra-para-o-acervo-da-casa-do-cantador/>

De acordo com a Agência Brasília, o Cordel “A peleja de Lampião com o coronavírus, ou o grande Rei do Cangaço contra a Micro Besta Fera” é uma narrativa de modo poético, que busca refletir sobre as lutas do homem popular em meio as problemáticas do cotidiano. O autor Davi Mello, natural da cidade de Brasília no Distrito Federal, trouxe personagens do nordeste brasileiro para discutir a temática da Pandemia. Mistu-

rar personagens como Lampião – Virgulino Ferreira da Silva, e Maria Bonita, que dominam o imaginário brasileiro – e não exclusivamente o nordestino foi uma estratégia para ligar uma luta questionável do cangaço ao COVID-19, aproxima o leitor em sua linguagem, identidade e história. “Na trama, os cangaceiros armam-se até os dentes, incluindo uma seringa com vacina, para enfrentar o coronavírus numa batalha literalmente de vida ou morte”, afirma a Agência.

Imagem 09: Cordel traz uma visão crítica sobre a pandemia nos EUA



Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/veja-como-a-pandemia-foi-retratada-pela-literatura-de-cordel-desde-marco-de-2020-1.3097486>

Já essa narrativa “A conspiração chinesa numa visão trumpeana”, do poeta Chico Fábio, traz um tema internacional que tem desdobramentos mundiais, ou seja, o modo como o governo dos EUA, com o então presidente Donald Trump, conduziu as ações de seu país com relação à pandemia. O autor traz todo o discurso equivocado do mandatário, repleto de fake-news, propagando desinformação, descrédito científico e negacionismo irrestrito a cerca da gravidade da Covid-19. O poeta coloca em versos uma reflexão contextualizada sobre a temática da

pandemia no cordel ilustrado acima, e também, como editor publica no “O dia em que a Terra mudou”, uma coautoria de Evaristo Geraldo com Stélio Torquato.

Depois, esse mesmo autor-editor, comprometido em trazer informação crítica de modo a estabelecer um diálogo de formação com o público leitor, ainda editou e imprimiu outros cordéis relacionados com as questões da desinformação, liberdade de

expressão, e a política genocida que algumas lideranças demonstravam. Foram quatro trabalhos escritos pelo jornalista Assis Ângelo, natural da Paraíba e morador de São Paulo, a saber: “A serpente quer pôr ovo no coração do Brasil”, “Repórter entrevista piolho do cramunhão”, “Jornalismo e liberdade nos tempos de pandemia” e “Coruna vírus: piolho do cramunhão faz o mundo todo tremer”.

Para finalizar a análise, dois exemplos muito interessantes ainda relacionados à mesma expressão folkcomunicação em cordel no contexto de Pandemia. Na verdade são duas experiências práticas: a primeira que usa do recurso da poesia gravada em vídeo, recitada por uma estudante, para transmitir os versos previamente impressos. O “Cordel: Luta na educação em tempos de pandemia” retrata as dificuldades enfrentadas pelos docentes e discentes diante da pandemia da Covid-19. Esse cordel faz parte do acervo da exposição Centenário Paulo Freire realizado pela Pró-reitoria de extensão da Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 2021. Essa obra relata as dificuldades enfrentados por professores e alunos durante o período pandêmico.

Imagem 10: Cordel aborda dificuldades acadêmicas durante pandemia



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rbUKTEfmGN4>

A segunda experiência acontece em uma escola particular do Rio de Janeiro, Colégio Pedro II. Devido a uma série de dificuldades internas e externas aos alunos e professores da Escola. Com o distanciamento social estabelecido, fazendo com que todo o processo de ensino fosse realizado por meio remoto, limitando a sociabilidade e impedindo que alunos, professores e funcionários pudessem se amparar emocionalmente e pedagogicamente criaram um projeto para acolhimento das vivências nesse período. A Central de Bibliotecas e a Biblioteca Histórica do Colégio formulou o “ Projeto Cordel do Isolamento: a pandemia contada em forma de literatura de cordel”. Teve como obje-

tivo registrar os sentimentos de alunos, professores e bibliotecários vivenciados durante a pandemia de Covid-19, e contribuindo para a construção de um banco de informações sobre esse período.

Imagem 11: Cordel do Isolamento, projeto para reunir sentimentos e memórias



Fonte: http://www.cp2.g12.br/ultimas_publicacoes/225-noticias/10333-cpii-lan%C3%A7a-projeto-cordel-do-isolamento.html

Considerações finais

Retomando a perspectiva de Paulo Freire, para uma prática da liberdade nesse contexto de pandemia é preciso uma pedagogia em que os envolvidos na situação de conflito tenha condições de fazer uma reflexão, apresentar sua visão dos acontecimentos, suas impressões e elaborações. Um projeto para que a comunidade escolar tome consciência de seu papel em um momento tão dramático - com tantas perdas afetivas, econômicas e de conhecimento - só é possível com uma pedagogia que leve os participantes a “descobrirem-se e posicionarem-se como sujeitos de seu destino, de sua própria histórica”.

E, enfatizando o que foi citado anteriormente, o significado correto dessa “pedagogia” - “desse alfabetizar-se - é o aprender a escrever/ler a própria vida, como autor e testemunha de sua história” (Freire, 1982a). Ao contar sua vivência, sua existência, os participantes estão escrevendo suas histórias dentro de um contexto histórico maior, fazendo a leitura/interpretação da realidade a partir de si para a compreensão da totalidade.

Por isso Paulo Freire (1982a) enfatiza a importância das relações humanas e as práticas culturais diversas, ressaltando a cultura como um prolongamento do processo pedagógico em que os sujeitos, cada qual com seu modo de vida, constituem suas histórias.

Ficou evidenciado que os ativistas midiáticos têm papel preponderante no processo de interlocução com seus grupos e com a sociedade de modo a produzirem informação crítica, comprometida com a ciência e combatendo a desinformação. Por meio de processos folkcomunicacionais de uma vivência educativa e dialógica, a resistência transforma-se em atos potencializadores na busca para a liberdade. Esse é o momento em que a comunicação assume seu papel social, ou ainda, esse é o momento em que, é ampliado o conceito de folkcomunicação, segundo Luiz Beltrão (2001, p.24), “para não dar somente a ideia de que o povo utiliza a folkcomunicação para trocar notícias”, ela abrange as complexidades culturais em práticas que levam a processos expandidos de formação para a autonomia.

Referências

- Beltrão, L. (1971) Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e de expressão de idéias. São Paulo: Melhoramentos.
- Beltrão, L. (2001) Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre/RS: Edipucrs.
- Beltrão, L. (1980) Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (2001) Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra.
- Freire, P. (1982a) Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra. Freire, P. (1982b) Extensão ou Comunicação. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra.
- Hohlfeldt, A. (2001) Luiz Beltrão: o profissional de Jornalismo e o preparador de jornalistas. In Beltrão, Luiz. Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e de expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Marques De Melo, J. (2008) Mídia e Cultura Popular: história, taxonomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus.
- Mergulhão, E.; Schmidt, C.; Jaconi, S. (2021-12-23) Atualidade em Cordel: linguagem popular e suporte jornalístico. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 19 n. 43. DOI: <https://doi.org/10.5212/RIF.v.19.i43.00010020>
- Sabbatini, M. Grafite em tempos da pandemia deCovid-19: uma análise folkcomunicacional a partir da arte urbana. (2021-12-23) *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 19 n. 43. DOI: <https://doi.org/10.5212/RIF.v.19.i43.00010020>
- Schmidt, C (ORG.). (2006) Folkcomunicação na Arena Global: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor.
- Trigueiro, O. (2008) Folkcomunicação e ativismo midiático. João Pessoa/PB: Editora Universitária da UFPB.